

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos associados



Anno I.

Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1883.

N. 12.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1883.



Az hoje um anno que se publicou o primeiro numero d'esta *Revista*.

Este facto que para os indifferentes nada significa, tem para nós muita importancia: representa muitos esforços, muita firmeza de vontade e é a affirmação plena de que *o querer é poder*.

A *Revista do Centro Litterario* é orgão de uma associação, fundada ha dezeseis mezes; mas, durante este curto espaço de tempo tem mostrado bastante desenvolvimento, muito digno de applausos.

E teria sido maior o seu progresso se porventura a mocidade, por quem e para quem foi creada, lhe prestasse mais auxilio; pois, por maior que seja o desejo de progredir, nunca este poderá ser realisado completamente, se os meios fornecidos não forem sufficientes.

Grande parte, porém, da mocidade que podia auxiliar associações como o Centro Litterario, vivendo materialmente, não admitte que haja superioridade entre o homem esclarecido e o obscuro; e não comprehende o alcance da luta que tem por fim unico conquistar a palma da victoria moral, vencendo a reluctancia do materialismo com o activar a intelligencia.

E a prova disto temol-a nós quando vemos essa mocidade preferir as distracções que lhe fallam á materia, áquellas que lhe poderiam fallar ao espirito, dar-lhe luz á razão, e elevar essa mocidade transviada—quicá perversa—ao lugar que lhe compete occupar no ultimo quartel do seculo actual.

Mas essa mocidade, prefere ser o alvo de epithetos mordazes, que lhe atira a gente do *tom*,—a ser o corpo instruido e habilitado a fazer calar essas vozes de escarneo, que chasqueiam da sua nullidade.

Mas essa mocidade, prefere ser a pelota ridicula, joguete com que se divertem os *sabios* inflamados ao calor do pedantismo,—a ser uma força que se imponha, pela sua capacidade intellectual, á consideração dos que olham para ella com vaidosa sobranceira.

Prefere ser o eterno magote de gente *endiabrada*, de onde muitas vezes se destacam uns sujeitos, cuja imbecilidade transforma-os em prematuros imitadores de *D. Juan*,—a ser o grupo estudioso e morigerado, que provê a intelligencia de recursos preciosos, estimulado pelo nobre desejo de collaborar fecundamente no progresso social.

Não nos diga essa mocidade, que não dispõe de tempo para cuidar em instruir-se; que o que tem é pouco para fazer exercicios hygienicos.

E' inverosimil este dito de esquivança, porque, em havendo boa vontade, é facil dividir o tempo, por pouco que seja; e, seguramente, não será tempo mal empregado aquelle que for aproveitado em adquirir conhecimentos que são indispensaveis á mocidade de hoje—os homens de amanhã.

\* \* \*

O Centro Litterario é um excellent auxiliar d'aquelles que se quizerem livrar do humilhante qualificativo de—ignorantes.

Não porque seja um nucleo de sabios, mas porque é uma associação util, onde cada qual pôde pôr a sua intelligencia em acção; já collaborando n'esta *Revista*, já ensaiando-se na tribuna, discutindo theses ao alcance de aptidões modestas—e tudo isto sem haver aquella timidez que inspira a presença de superioridades absolutas, pois, a nossa associação foi creada especialmente para aquelles que desejam fazer a sua aprendizagem litteraria.

E, como para coroar isto, o Centro Litterario tambem franqueia aos seus socios uma bibliotheca, que se compõe sómente de obras de escriptores da lingua patria.

Sem querer menosprezar o que hão produzido notaveis escriptores estrangeiros, a nossa associação levantou um protesto contra o mau habito que temos, de só darmos valia a obras que nos vêm de fóra, traduzidas de linguas estrangeiras; ao passo que a litteratura patria é tratada com indifferentismo, que chega a ser criminoso, por anti-patriotico que é.

Assim constituido, alimentando tão excellentes intenções, o Centro Litterario merece o apoio de todos os que aspiram a mais alguma cousa do que o simples—hoje inadmissivel—viver material.

\* \* \*

Por ultimo, seja-nos permittido, hoje que celebramos o anniversario da publicação d'esta *Revista*, saudar as nossas co-irmãs que militam nas mesmas fileiras em que nós militamos:—as fileiras do bem.

Saudamol-as, pois, com fraternal affecto; e fazemos votos ardentissimos para que tenham vida prospera, livre, sobretudo, da maledicencia que costumam propagar, insidiosamente, os atrabiliarios presumpçosos desilludidos, que entram, como leões, onde farejam publicidade, mas que desertam, quaes sendeiros, em vendo quanto é preciso trabalhar, persistir, para escudar uma idéa util com todos os elementos de vitalidade, afim de tornal-a em arvore frondosissima e abundante de fructos proveitosos.

## DUVIDA

Se o bom senso pudesse aquilatar  
da gravidade real do sentimento,  
que desponta e se engrandece n'um momento  
n'alma, vaso da vida, a transbordar

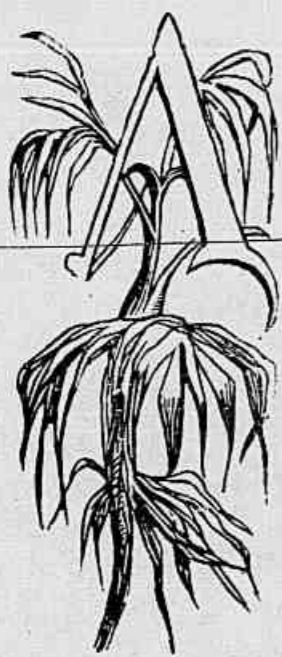
Da essencia subtil chamada — amor,  
deixava o coração de ser o élo  
que prende a terra ao céu, o grande ao bello,  
que vae cantar hosanna ao creador,

N'esse throno real erguido em meio  
da excelsa natureza, o vasto seio  
aonde a alma universal palpita ;

Seria a vida o poema da desgraça,  
mariposa inconsciente que esvoaça  
e só a luz da realidade agita !

ARARY.

## A IMMIGRAÇÃO CHINEZA



## I

INDA não são bem conhecidas as feições  
proeminentes da civilização chinesa,  
d'esse povo que só consentio em ser ob-  
servado pelo estrangeiro, depois que as  
baterias fluctuantes da soberba Albion  
derrocaram as famosas muralhas que o  
separavam dos demais povos civilizados,  
e em cujo convívio teria sido incitado a  
evolucionar-se, como os outros povos cul-  
tos, para a realização da mais nobre e  
generosa aspiração do espirito humano — a solidariedade  
de todos os povos civilizados.

Haverá alguém que não tenha sentido indignação ao  
reconhecer que a China, estacionaria ha mais de dois  
mil annos, tem sido e continuará a ser um obstaculo po-  
deroso á confraternidade humana ?

Haverá algum pensador que não se tenha revoltado  
intimamente, ao pensar que a Asia, que todos os dias  
multiplica o numero dos seus habitantes, hade vir um  
dia disputar aos barbaros do occidente a parte do globo  
que elles occupam, e na qual se tem desenvolvido uma  
civilização, a meu ver, muito superior á dos possuidores  
do rabicho ?

Que organismo social se não sentirá em perigo, ao  
ver que os seus membros mais poderosos, porque repre-  
sentam o capital, tratam de propagar o advento de tra-  
balhadores asiaticos, os quaes, embora pareçam on sejam  
muito submissos e até servís, no periodo iniciativo, tor-  
nar-se-hão um dia poderosos e ricos, e esse dia será o da  
vingança de uma raça que odeia devéras a nossa civili-  
zação ?

Que operario se não sentirá ameaçado pela miseria,  
ao saber que, do oriente, antigo berço da civilização da  
humanidade, hão de vir, dentro em pouco tempo, ondas  
enormes de barbaros de nova especie, para aniquilal-o  
pela concorrência e pelo augmento da offerta de traba-  
lhadores ?

No dia em que as raças asiaticas se apoderarem das  
nossas industrias, do nosso commercio e da nossa la-  
voura, uma de duas : ou a nossa raça será reduzida á  
escravidão, ou morrerá de fome.

E' em virtude das sonhadas vantagens do traba-  
lhador asiatico, que os grandes donatarios do Brazil se  
congregam para mandar buscar chins, ou por outra,  
para ver se conseguem estabelecer uma corrente de im-  
migração chinesa para o Brazil, sacrificando d'esse modo

aos interesses particulares, os sagrados interesses da  
patria, da civilização e da nossa raça.

Para os adeptos da immigração chinesa, o dinheiro  
é uma religião, e elles, como sacerdotes apaixonados  
d'essa religião satanica e immoral, sacrificam, sem es-  
crupulo, as aspirações de um povo que se civilisa, os  
interesses da justiça e a felicidade da patria.

## II

Quando o governo inglez conseguiu levar ao imperio  
do Meio o seu commercio, os povos do occidente senti-  
ram-se momentaneamente deslumbrados, porque pen-  
saram no advento provavel de um mercado para as ma-  
nufacturas das suas fabricas ; mas, a esse entusiasmo  
prematureo succedeu immediatamente a reflexão, que os  
advertio do engano em que tinham cahido.

O povo chinez, apesar de ter sido obrigado a com-  
merciar com a nação ingleza, continuou a nutrir aversão  
pelos barbaros do occidente.

E' assim que elles appellidam os europeus.

Depois que a China deu accesso ao commercio inglez,  
os amigos da civilização da nossa raca, observaram que,  
pelas fendas que a politica ingleza abria na costumeira  
chinesa, principiava a immigrar, dirigindo-se para o  
nosso lado, a escoria de uma população de quinhentos  
milhões, e que essa immigração trazia para o seio da  
nossa sociedade a perturbação económica, a bigamia ou  
prostituição da familia, a centralização administrativa  
ou o governo absoluto, e o atrophiamiento, por falta de  
aspiração á perfectibilidade da personalidade humana.

Foi em virtude de tão extraordinario rabicho moral  
do immigrante chinez, que os povos do occidente estre-  
meceram, como se lhes estivesse batendo ás portas uma  
nova invasão de barbaros.

Não é meu intuito dizer que o chim seja um typo  
perfeitamente barbaro; mas tambem não posso deixar de  
consignar, n'este mal elaborado artigo, que elle é muito  
peor do que isso.

O chim é um ser profundamente degradado ; porque,  
de Confucio para cá, ainda não adiantou um passo se-  
quer para emancipar-se do felichismo, que só é proprio  
dos povos que não conseguiram passar da infancia da  
civilização.

O chim ainda não pôde abolir a serpente tragadora,  
nem a casa das ossadas — origem das perniciosas super-  
stições a que ainda hoje estão sujeitos os habitantes da  
China.

Não me atreverei tambem a dizer que os povos vin-  
dos do norte da Europa eram civilizados, porque se o  
disseste mentia ; mas, o que eu não posso calar é que os  
barbaros, apesar de victimarem todo o occidente, a golpes  
de frankisk, não foram perniciosos á nossa civilização,  
porque depois de se assimilarem a ella, ampliaram-n'a.

Mas, poderemos esperar que os chins nos façam um  
mimo de elementos de prosperidade, que possa equi-  
parar-se áquelle que a nossa civilização recebeu dos bar-  
baros do norte ?

Não acredito que isso aconteça, porque o chim não  
virá, como veio o barbaro, travar lucta connosco no  
campo de batalha, nem impôr á nossa sociedade cos-  
tumes de austera moral.

A lucta que o chim pretende encetar com a nossa  
civilização, é puramente economica, e da qual sahirá  
victorioso ; porque consumindo muito menos do que o  
nosso trabalhador, produz tanto, em trabalho, como elle.

A concorrência em condições tão favoraveis ao chi-  
nez e tão desfavoraveis ao nosso proletario — dará  
áquelle o papel de senhor e a este o de escravo. Eis o  
perigo que ameaça, n'este momento excepcional, a raça  
caucasiana e a sua civilização na America.

ANTONIO DE SÁ.

## EMFIM!

Já, enfim, chegou o dia  
De realizar meus desejos:  
Na face dar-te mil beijos,  
Tua voz dar-me alegria;

Ao som do teu violino  
Ouvir teus cantos suaves,  
Despertar em doce trino  
Como o gorgéio das aves.

Deu-te Deus esse primor:  
Teu canto traduz amor,  
Desterra a melancolia.

Canta, sim, que o teu cantar  
Não cessa de me lembrar  
O canto da cotovia.

ALVARO BAPTISTA.

## OS IMITADORES



o meu fraco modo de pensar, o individuo que se intitula escriptor e imita as obras litterarias dos auctores da moda, confessa que é pauperrimo estylista e que não é capaz de escrever sobre qualquer assumpto com a devida originalidade.

O imitador não revela na obra que milagrosamente engendra, o que intimamente sente; e o que nos interessa no romance, no folhetim, no poema, na obra litteraria, enfim, é o modo de sentir do seu auctor, a emoção que lhe causam os factos que analysa como critico, como moralista, como adepto apaixonado de algum principio philosophico, ou como racionalista do melhor quilate, estribado na imparcialidade imposta pela soberania da razão e pela rectidão da justiça.

Assim, pois, é intuitivo que o desenvolvimento de qualquer litteratura soffre muitissimo, quando os litteratos de intelligencia pouco energica, inimigos do mais pequeno esforço intellectual, deixam em santa paz e demorado socego a originalidade, e imitam, sabe Deus de que modo, as obras dos grandes escriptores, seguindo os mesmos passos que elles seguiram, desenvolvendo as mesmas idéas que elles desenvolveram.

Da imitação resulta que a litteratura perde a naturalidade que a todo transe deve manter impolluta, quer interpretando as tradições populares, quer reproduzindo com fidelidade a sociedade do seu tempo e applicando ás monstruosidades sociaes o castigo merecido.

Quando uma litteratura é invadida pela monomania da imitação, acontece-lhe o mesmo que aconteceu com a litteratura hespanhola, quando esta foi desnaturalizada pelo apedeutismo dos imitadores de Gongora, isto é, dos imitadores do seu estylo excessivamente hyperbolico.

O *gongorismo* foi uma escola litteraria fóra de toda a naturalidade, porque á guisa da cortesã de todos os tempos, ambicionava requestar o mundo afidalgado, com a falsa riqueza de seus adornos, esquecendo-se de que o bello é simples e natural.

E' opinião minha que a imitação só excepcionalmente poderá produzir bom resultado, isto é, quando a intellectualidade do imitador fôr superior á do imitado; mas, ainda neste caso, o imitador não é mais que um ampliador consciente dos trabalhos alheios.

J. B. Almeida Garrett escreveu e publicou em folhetins as mimosas e elegantes *Viagens na minha terra*; houve logo quem o imitasse—mas que imitação, santo Deus! Não passou de uma *macaqueação* desavergonhada das bellas narrações e interessantes aneddotas do immortal autor da *D. Branca* e do *Camões*.

Finalmente, a prova de que os imitadores das *Viagens na minha terra*, nada lucraram com a imitação, é que Almeida Garrett passou a viver na memoria da posteridade e os imitadores das suas obras só conseguiram da posteridade o esquecimento.

Convenho que nos seja permittido entrar nos templos hellenicos para ouvir os cantos do divino Homero, e que entremos no theatro grego para assistir á exhibição das concepções de Aristophanes.

Convenho que ouçamos o inspirado cantor da *Eneida*, e que nos demoremos a meditar as Satyras de Juvenal.

Convenho que escutemos o estro sublimado do maior épico dos tempos modernos—Luiz de Camões, e que entremos nos paços de D. Manoel e D. João III para ver representar os *autos* de Gil Vicente—o fundador do theatro portuguez.

Convenho, finalmente, que procuremos enriquecer as nossas faculdades intellectuaes com as fecundantes lições dos grandes mestres; mas no que eu não convirei de fórma alguma é que os imitemos, porque entendo que a imitação perturba a evolução das litteraturas.

Se algum escriptor contemporaneo, embora possuidor de uma intelligencia phenomenal, tivesse a extravagante idéa de imitar a *Illiada* de Homero, o *theatro* de Aristophanes, a *Eneida* de Virgilio, as *Satyras* de Juvenal, os *Luíadas* de Camões ou o *theatro* de Gil Vicente, seria obrigado a fugir desairosamente diante dos apupos da critica moderna, como aconteceu com o Sr. João Felix, quando elle tentou impingir ao mundo illustrado uma *droga* litteraria, a que dava o nome ou titulo de *Luíadas do seculo XIX*, que, afinal de contas, não passava de uma parodia bem triste da obra monumental do grande épico.

A imitação, além de tudo, é pernicioso ao desenvolvimento intellectual de qualquer povo, porque impede que as faculdades observativas se manifestem na maxima plenitude e não deixa que as tradições populares se desenvolvam no cultismo nacional, tornando a litteratura autonoma, isto é, emancipando-a dos moldes estranhos.

Imitar as obras litterarias de outrem é uma vergonha; produzir com originalidade é uma gloria.

Jacta est alea.

Rio, 30—9—83.

NIHIL.

## INTIMOS

UM rapazola em cuécas,  
n'um quintal, muito lampeiro,  
distribue milho ás marrecas  
ao sahir do gallinheiro.

Pensativa e debruçada  
na varando entre a latada,  
com seu rosto todo amores,

Na cosinha, decidida,  
uma senhora inda sã,  
guarda os restos da comida  
p'r'o almoço de amanhã.

Sobre um vaso de cravina,  
a *sinha*, bella menina,  
suspira beijando as flores.

DUARTE PORTO JUNIOR.

## O 216

(A TI)

O acaso, que domina e move tudo,  
Que a sorte me dirige, occultamente,  
Invisível, impalpável, sempre mudo,  
Obriga-me a sentir por quem não sente,

.....

Um teu sorriso, a febre delirante  
Que arruina, consome e enlouquece,  
Atêa ao peito meu, que, flamejante,  
Amor consagra a quem o desconhece.

Se conquistar-te um dia a illusão  
De falso galanteio e vã ternura,  
Trahirás de uma vez teu coração,  
Originando-me eterna desventura.

E se, fatal, a opulencia fascinante,  
Pintar-te um *céo azul* com falsa côr...  
Antes de entrares no palacio deslumbrante  
Deixa ficar-me, sómente, o puro amor !....

Não me adorna essa hypocrita apparencia  
Onde a vaidade e loucura é distincção ;  
Nem me ufano dos setins da opulencia,  
Que perventem um sincero coração !

O amor... é fructo d'alma apaixonada  
Que a natureza a todos igual deu :  
Pois captivo fica um rei d'uma etiada,  
E uma princeza idolâtra um plebeu !

Nunca affecto tão puro e tão constante,  
Igual ao meu, acharás quem possa dar-te...  
Adeus... que tua visão um só instante.  
Não deixará de seguir-me em toda a parte.

Rio, 15 de Novembro de 1883.

ELEUTHERIO AUGUSTO D'AGUIAR.

## SOGRAS



FUGAM !

Corram !  
Escondam-se em qualquer  
parte :

Dentro de bahús.  
Canastras.  
Armarios.  
Gavetas, etc...

Façam buracos na terra com  
a profundidade de tres, cinco e  
dez metros, e atirem-se com todo  
o peso dos corpos...

Ascendam em balões e fujam para as altas regiões;  
para bem longe. .

Enrolem-se em encerados e atirem-se na praia, no  
matto, em qualquer parte...

Mas, por Deus ! escondam-se !

Fujam !

Corram com toda a velocidade que puderem dar  
às gambias.

Desappareçam !

— *Ellas ahi vêm ! Aqui d'El-rei !*

Ellas ahi vêm como um bando de urubús á pro-  
curar carniça.

Sogras de todas as qualidades e para todas as  
classes.

Feias e velhas.

Moças e bonitas...

Altas e magras.

Gordas e baixas.

Más e... boas !

De *tudo* e para *todos*.

Fujam, pois !

Sogra exprime :—revolução !

E' synonymo de *vibora*.

Na presente época é o que se ouve em qualquer  
parte, quer de dia, quer de noite.

Nos theatros.

Nas palestras.

Nos contos.

Nas pilherias, em toda a parte.

Sempre as sogras !

E *ellas*, furiosas e freneticas, a praguejarem contra  
os *calumniadores*, a ruminarem uma vingança, que  
nunca chegará ao seu termo.

Não pensem agora, caros leitores, que todas as  
sogras são da mesma qualidade.

Nada, não senhores...

Sogras ? !

Ha-as de tres qualidades.

Sogras de *primeira*, são aquellas que, pelo seu fino  
trato, bom comportamento, etc., etc... não são geral-  
mente *taxadas* por *sogras* : seus genros e noras cha-  
mam-lhes, docemente : — *mamã* !...

São consultadas sobre qualquer resolução, chama-  
das para dar parecer sobre qualquer projecto.

Seus conselhos ouvidos com attenção !

São boas ! !

Amaveis ! ! !

Condescendentes ! ! !

Um as segundas mãis.

Seus genros e noras retribuem-lhes essas afeições  
com carinhos e obsequios, respeitando-as e amando-as.

As sogras de *segunda*, são de uma variedade es-  
pantosa.

A's vezes, são tão impertinentes e teimosas, que  
chegam a brigar seriamente com seus genros e noras,  
os quaes, no maior accesso de colera, chamam-lhes :  
— *minha sogra* !

Outras vezes, tão socegadas e boas, que elles esque-  
cemse completamente que *deellas* são sogras, e cha-  
mam-lhes : — *mamã* !

E' conforme a *lua*...

Passemos agora para o terceiro caso :

Sogras de *terceira* e ultima qualidade.

Alerta, rapaziada ! ! !...

Tudo o que ha de ruim e pessimo em sogras, está  
classificado neste ultimo caso.

Estas *sogras* são as que representam, revolução.

São *viboras*.

Desordeiras.

Garrascas.

*Phantasmas* !

Emfim, o que se póde conceber de máo.

Cabam-se de ter *cabellinho na venta*...

Em casa levam constantemente a brigar.

Por uma opinião.

Um passeio.

Um *dito*, etc., etc...

Sahe *rolo* !

E agora vereis o que é bom :

Descompostura para aqui, descompostura para lá,  
gritos d'aqui, ameaças d'acolá...

Todos gritam :

A sogra, o genro, a nora, as crianças, o gato, o ca-  
chorro, etc...

Um barulho infernal, d'onde se destaca a voz da  
sogra que se esforça por *berrar* mais alto.

São estas as sogras que abundam mais no paiz.

Portanto, caros leitores, assim que a virdes, fugi !  
Correi !

Conhecem-se às leguas :  
 Pela roupa, pela falla, pela phisionomia, pelo modo  
 de andar e até pelo... pelo *cheiro* !  
 Um cego vê-as.  
 Um surdo ouve-as.  
 E um paralytico é capaz de fugir d'ellas, como o  
 diabo foge da cruz !

—  
 Dito isto, um conselho ás sogras, conselho de *amigo* :  
 Compre uma corda de linho, atem-n'a ao pes-  
 coço, e zás ! pendurem-se.  
 Verão como isso é bom... para os genros.  
 Novembro, 1883. L. O.  
 (Por precaução)

## A' ELLA...

M. G. S. P.

Foi á luz dos olhos teus  
 Que elevei minha alma a Deus  
 Em fervorosa oração :  
 — E n'essa prece sentida  
 Quanto amor e quanta vida  
 Lhe mandou meu coração !...

Foi assim, que, inebriado,  
 Quasi louco, desvairado,  
 Me rojei, pedindo em vão...  
 Pedi, sim, que n'esse instante,  
 Deu-me o céu força bastante  
 Pra tirar a illusão.

Mas, ai ! que lenta agonia  
 Eu não soffri n'esse dia  
 Em que desdenhoso — não...  
 Recebi em carta amiga,  
 De quem dor igual abriga  
 Mesmo sendo teu irmão !

Procurei no esquecimento  
 Lenitivo ao soffrimento,  
 Que mais e mais se avivou...  
 Embora já sem esp'rança,  
 Vejo-te sempre, creança,  
 Nos lugares onde estou.

Rio, Agosto de 1883.

CALP.

## Amigos gryphados



AQUELLA antiga amizade, fidelissima, que  
 immortalisou Damão e Pythias, dois amigos  
 verdadeiros, um dos quaes ficou preso do  
 tyranno Dionysio, em refens, enquanto o  
 outro, condemnado á morte, ia á sua terra  
 natal pôr em ordem os seus negocios;—da-  
 quella amizade leal, que teve o poder de  
 impellir um soldado grego a entrar, de  
 noite, na tenda de campanha do imperador  
 Aureliano (que punia com a morte aos que tivessem  
 tal ousadia), afim de obter perdão para uns seus  
 amigos, destinados a serem açoitados,—dessa amizade  
 sublime não ha hoje mostras.

Nem devemos estranhar isso, se considerarmos que  
 esses exemplos tiveram lugar em uma éra mais remota  
 do que aquella em que bastou D. João de Castro dar  
 alguns fios das suas barbas honradas para obter mi-  
 lhões, com que fez face ás despesas da reorganisação  
 da fortaleza de Diu.

Resurgisse hoje esse famoso governador e tentasse,  
 por igual meio e para o mesmo fim, adquirir qualquer  
 quantia, e eu garanto a quem quizer que D. João de  
 Castro não recolhia *vintem*, mesmo que, n'um impeto  
 de furor, arrancasse toda a celebre barba e a offere-  
 cesse em penhor.

O mais que lhe poderiam dar, era o direito a um  
 cubiculo em alguma casa de doudos...

Por onde se póde concluir que, hoje, no *seculo das  
 luzes*, D. João de Castro e quejandos, viveriam ás *es-  
 curas*.

Não é, pois, de admirar que, dado o meio especial e  
 moderno em que vivemos, não hajam as amizades  
 sublimes de que ha tantos exemplos na antiguidade.

Entretanto, uma cousa só motiva reparo: é que o  
 sentimento de verdadeira e heroica amizade esteja des-  
 apparecendo do coração dos homens, justamente  
 quando mais se grita: —*Liberdade, fraternidade e  
 igualdade!*

Incoherencias do coração...

\* \* \*

Ha amigos que o são por *sympathia*, e destes nada  
 posso dizer de novo: são muito boas pessoas.

Capazes de tirar a camisa para... se deitarem á  
 fresca !

No mais, são bons para os outros e melhores para si.  
 Outro tanto não direi dos amigos *gryphados*.

Dos *amigos*...

Estes dão pannos para... carapuças.

Talhemol-as:

N. N. era muito nosso *amigo*, fazia-nos protestos  
 de *sympathia* e desfazia-se em amabilidades, com tanta  
 frequencia e gosto que nós deveramos desconfiar, como  
 o pobre que vê muita esmola.

Em conversas, o nosso amigo ia nos dizendo, *mo-  
 destamente*, quantas eram as faces do seu talento e  
 aquella pela qual elle tinha maior paixão.

Era pelo theatro.

Um amator !

Em breve fomos convidados para assistir á repre-  
 sentação de uma peça, em que o nosso *amigo* fazia de  
 criado tolo.

Nós fomos: vimos o trabalho do nosso *amigo* e não  
 gostamos; tivemos esse defeito...

Se engulissemos a pilula sem fazer caretas, ainda  
 bem...

Mas nós, que julgavamos ter direitos que a amizade  
 concede, dissemos ao nosso *amigo* que o seu trabalho  
 não nos agradava.

Elle fez um riso amarello e concordou connosco,  
 mas atirou a culpa sobre um incidente qualquer.

Novamente nos convidou. Nós fomos, e o resultado  
 foi o mesmo: não gostamos.

Dissemol-o: o nosso *amigo* amou.

Terceira vez nos fez ir admirar-o, e pela terceira vez  
 nós lhe dissemos que o não admiravamos.

O nosso querido *amigo* calou-se e disse lá com-  
 sigo:

— Ah ! elle é isso ! Pois esperem !

E nunca mais nos appareceu...

De sorte que nós perdemos a occasião de dizer ao  
 nosso *amigo*, que elle fazia muito bem o seu papel de  
 tolo... sem ir ao palco.

Outro exemplo:

X e Z eram muito nossos *amigos*.

Eram intimos—segundo elles propalavam.

Comiam, bebiam e dançavam... em nossas casas.

— Viva a pandega ! diziam elles entusiasmados.

Encarregavam-se de tudo com abnegação inimi-  
 tavel.

Um dia, porém, dissemos-lhes:

— Sabeis, oh! amigos, isto de ser sempre a mesma cousa aborrece; precisamos de novos attractivos.

— De certo, responderam; *apoiá-d-o-dó*.

— Para isso carecemos de... (e fizemos signal de que era de dinheiro que se precisava.)

— Não seja essa a duvida; pela nossa parte, prompto!

— Bom; mas isto não é só por hoje, é para continuar.

Então elles, cheios de *brío*, retorquiram:

— Pois nós somos alguns *pedaços d'asno* que não saibamos isso?!  
Tinham razão esses nossos *amigos*: não eram *pedaços d'asnos*, porque, depois da fanfarronada, desapareceram.

*Pedaços* não fogem: *inteiros* é que elles eram...

E para terminar, dou a palavra a um meu amigo (sem *grypho*), que vai contar um episodio interessante para o caso:

— Eu era amigo de uns Fulanos, rapazes distinctos e de bom gosto.

Estava eu, uma noite, muito socegado em minha casa, quando elles, chegando-se a mim, rogaram-me, com muito ardor, que eu fosse a um certo logar aonde elles iam me esperar, para tratar-se de cousas importantes.

— Que não faltasse, como grande amigo que era, concluiram elles; e retiraram-se.

Não deixei de estranhar aquelle convite nocturno; mas, como os meus *amigos* eram homens de grandes idéas, cuidei que a minha presença teria por fim aprovar alguma.

Nesta persuasão fui; e, chegando ao tal lugar convencional, lá encontrei, em grupo, os meus *amigos*, que me fizeram uma ovação—tão importante e necessaria julgavam a minha pessoa.

— Então, disse eu, trata-se de alguma idéa que vai fazer gemer os prelos?

— Não, responderam elles; é cousa melhor... Chamamos-te, porque és nosso amigo e porque anda aqui um grupo de rixa connosco e nós queremos pegar-nos devéras!

— E chamaram-me para apanhar bordoadas?!...

— E dar tambem, acudiram elles.

Caro leitor, cuja cabeça ainda não experimentou a compressão de nenhuma destas carapuças!—se, depois do que disse, não ficares inteirado do que são os taes amigos *gryphados*, faz, tu mesmo, uma experiencia: vem-me dizer que eu escrevi *ma-ra-vi-lho-sa-mente*!

Verás então, como eu ficarei sendo o teu maior *amigo*.

Porque, é bom repetir: adquire-se *amigos*, adu-  
lando...

Rio, Novembro de 1883.

J. REIS.

### PRESAGIO

**S**e tu me vires agora,  
Depois que tive as bexigas,  
Has de dizer ás amigas  
Que vaes deixar-me, senhora.

E' ser cruel. Mas... embora!  
Ao menos cessam fadigas  
E mais não creio em cantigas  
De moças mil. Que melhora!

Mas... nota bem minha bella:  
Com esse passo, cautella...  
Não o des com muita ufania!

Que, embora sejas estrella,  
Pódes cahir na esparrella  
De te guardares p'ra tia.

A. ONACIREMA.

### THESE:

*O Brazil tem progredido normal ou anormalmente?*

### PARECER DA COMMISSÃO

Nomeado pelo Exm. Sr. Presidente d'esta associação, relator da commissão, que tem de dar parecer sobre a these acima; venho cumprir, hoje, este dever.

Sendo a these, já referida, de extremo alcance, quer scientifico, quer litterario, a commissão vio-se coacta, para formular o seu parecer; porém, com o desejo de cumprir o seu dever, envidou todos os esforços para que este parecer fosse elaborado, com o maior criterio possivel.

Na verdade, Srs. associados, é em extremo difficil dar uma resposta, quer ella seja affirmativa, quer seja negativa. Se procurarmos dar esta resposta no terreno propriamente scientifico; qual a pessoa, ou antes, qual o grupo de tres pessoas, que conheça todas as sciencias, tanto quanto seja necessario, para tirar uma conclusão prompta e verdadeira?

Se a encararmos pelo lado puramente litterario, tambem apresenta innumeradas difficuldades, pois que para que o parecer se podesse dizer verdadeiro, era mister que a commissão podesse consultar, senão todas, ao menos o maior numero de obras, que tiveram alguma aceitação no tempo em que foram publicados; e os Srs. socios, devem saber se isto se póde fazer no estado presente, em que se resentem de má organização as bibliothecas que possuímos.

Caminhar anormalmente, quer dizer: caminhar desviando-se de uma norma.

Ora, onde está traçada esta norma, para se fazer termo de comparação? A commissão declara, com toda a franqueza, que tal norma não existe; e não existindo torna-se necessario a criação de uma, e a commissão declina de si este encargo, por semnumero de motivos, entre os quaes sobressahem:

- 1.º Sua reconhecida falta de illustração, pois é necessario uma fóra do commum.
- 2.º Porque mesmo se a tal se atrevesse, esta norma não poderia ser boa, pois para que o fosse era necessario ser abstracta: o que a commissão, comquanto não julgue impossivel, em todo, acha-o para a vida de uma só geração.
- 3.º Finalmente, porque não podendo ser abstracta, tinha de ser concreta e annexar-se a qualquer nação ou raça — o que offenderia susceptibilidades, e a commissão não quer que, por modo algum, tal facto se dê.

A commissão conclue, pois:

- 1.º — Que esta these apresenta um campo em extremo largo para discussão.
- 2.º — Que a sua discussão, se refira, separadamente, a cada um ramo de conhecimentos humanos para evitar, assim, toda e qualquer confusão.
- 3.º — Que sendo o campo em extremo largo, por esta mesma razão deve ser discutida, pois dá ensejo a que todas as opiniões possam externar-se livremente.

4.º — Por ser este o unico meio de determinar uma norma, senão absoluta ao menos relativa, de conducta para o Brazil, na parte que diz respeito á sua civilização.

5.º — Que se determine, em absoluto, quaes as causas que concorrem para normalidade ou anormalidade da civilização do Brazil.

Sala das sessões, 16 de Setembro de 1883.

A commissão,

JORGE DA COSTA, (Relator.)

PEDRO MOSER.

A. AMERICANO.

## DESENGANOS

Ao anniversario natalicio de minha irmã

A vida! que vale a vida?  
Hontem risos, hoje pranto,  
Após o goso o quebranto,  
O inferno após o céu!  
A vida... sopro ligeiro...  
Sonho vão que o pensamento  
Acalentou um momento  
E presto se esvaeceu!!

A vida... um dia de festa.  
E d'entre as pompas e galas,  
Que ostentam douradas salas,  
A morte espreita e sorri;  
E diz á victima que passa  
Risonha, alegre e contente,  
— Folga e ri hoje, innocente,  
— A' manhã ha lucto aqui!

E caminha sempre ávante,  
Sem que a fascine a belleza,  
Nem a seduza a grandeza  
De uma purpura real.  
Eil-a que passa, funesta,  
E em sua marcha homicida,  
Aqui e alli uma vida  
Pende a seu beijo fatal!

Caminha, calcando aos pés  
Louras mimosas crianças,  
Tepido ninho de esp'ranças  
Sepulta na viuvez!  
Nem os prantos da innocencia  
Nem a prece angustiada  
Da triste mãe, desolada,  
Suspende a morte, bem vês...

Enchuga, amiga, esse pranto  
Que a existencia não merece,  
Nuvem tórva qu'escurece  
Um frouxo raio de luz.  
Passar tres dias na terra,  
E n'esta curta romagem  
Fallece-t'inda a coragem  
De levar ao termo a cruz?!

A vida não vale o choro  
Que tu derramas e eu verto.  
Gosemos, que vejo perto  
O tão desejado fim!  
Mas um anno ou mais um dia  
Talvez que seja um momento  
Breve como o pensamento...  
Depois repousemos, sim?

Gosemos filha, gosemos;  
Repara que o dia d'hoje  
E' já vida que nos foge  
Para nunca mais voltar!  
Como o d'hontem, volve ao nada.  
O d'amanhã inda incerto  
Pois sempre em abysmo aberto  
Mais vidas ha de engolfar!

Eu quizera n'este dia,  
Tecer-te c'roa de flores  
E não de espinhos e dores,  
Que só me devem ferir,  
Quizera fallar d'esp'rança;  
Erguer-te a abatida fronte,  
Em face d'um horizonte  
Todo luz no teu porvir!

Mas não posso, é sina minha  
Converter o riso em pranto  
E as flores de mais encanto  
Em c'roas de luto e dó!

Bem sabes, se n'este dia  
Mens hymnos não são de festa  
E' que essa sina funesta  
Me arrojou da gloria ao pó.

Mas tu que á vida sorrias  
Colhendo, como a criança,  
Aqui e alli uma esp'rança  
No teu florido jardim,  
Curvas a fronte sentida  
Ao sopro dos desenganos?!  
Deixa que o gelo dos annos  
A's esp'ranças ponha fim.

Vive e gosa; a vida é isto  
Não lhe peças a ventura  
Que dos teus sonhos n'altura  
Podeste crer e amar!  
Pede-lhe breves instantes  
D'um goso falso e mentido.  
Que das festas no ruído  
O mundo póde offertar.

E vive no dia d'hoje,  
D'estes instantes que passam  
Como as folhas que esvoaçam  
Ao sopro da viração.  
Não vás buscar ao passado  
Tristes sombrias lembranças,  
Nem cries na mente esp'ranças  
Que á manhã fenecerão.

A mente sonha chimeras  
Que a realidade desmente,  
E' miragem transparente  
Dos raios da nossa fé:  
Prisma que attrahe e fascina,  
Que nos traz em mago enleio,  
Na ce e morre em nosso seio,  
E a desgraça fica em pé!

Não sonhes pois, ou teus sonhos  
Guarda em ti como o avarento  
Guarda o seu ouro, ciumento  
D'alguem lhe ver o fulgor.  
Não derrames teus thezouros  
N'aridez d'um sólo ingrato  
Que o mundo sempre abstracto  
Não lh'aprecia o valor.

Julho de 1880.

*Uma senhora portugueza.**(Socia correspondente do Centro Litterario.)*

## Um juramento fatal

*(Continuação)*

SOAVAM quatro horas, o dia vinha já clareando; completava-se naquella instante as horas de quarto dos nossos dous personagens.

Ainda podemos escutar as ultimas palavras proferidas pelo Trafaria:

— Olhe, Sr. Alberto, a sua derrota já vai muito longa; é melhor deixar para amanhã.

« Agora toca a recolher ao rancho; cá por cima não ha novidade, o tempo está claro, e o navio vae com uma marcha regular.

— E's um marinheiro de truz, exclamou Alberto de Magalhães.

Dito isto desceram para o rancho.

Segundo os calculos do capitão, o *Calypso* devia, d'ahi a uns oito dias, entrar em Lisboa, salvo caso extraordinario.

Apenas o capitão desceu para a camara, veio immediatamente substitui-lo o piloto, que reassumio o commando do brigue. Passado alguns minutos, partiu uma voz da prôa:

— Navio á barlavento !

O piloto tomou o oculo e perguntou ao marinheiro por onde divisava o tal navio.

— Por entre as enxarcias do *traquete*, Sr. piloto !

Emquanto o piloto applicava o oculo para ver que navio era e a que nação pertencia, os marinheiros conversavam, animados, sobre a manobra do novo navio:

— Olha como o *raio orça* ! E vem para cima de nós que tem diabo ! dizia um dos mais entendidos.

— E' inglez, disse o piloto, depois de ter examinado ; e é uma barca *patife* e bem acabada ; vem na nossa *bordada*. Iça a bandeira : é bom que os Srs. inglezes fiquem sabendo que a navegação portugueza não está totalmente extincta, e que da raça dos bravos marinheiros, restam ainda meia duzia d'elles para os ensinar !

Feitos os signaes que o regulamento exige, cada navio tomou seu rumo, conservando-se, porém, o inglez sempre nas aguas do portuguez.

— Os inglezes, dizia o piloto, sempre querem mostrar a todo o transe que são os mestres da nautica ; por isso acontece constantemente abalroamentos e outras desgraças, occasionadas pelo orgulho inglez, mostrando elles um pouco de ignorancia quanto a tactica naval. O inglez é um habil marinheiro, mas nas occasiões em que depende dos seus calculos e da sua pericia nas manobras, a salvação de muitos, é justamente n'esse momento que a sciencia ingleza naufraga, arrastando consigo muitas victimas.

« Dá isto logar a acreditarmos que, durante o temporal, o inglez não se conserva firme no seu posto.

« Esmorecido um marinheiro de Sua Magestade Britanica a ruina do navio é inevitavel ; porque enquanto as ondas furiosas batem no costado do navio, o panno roto e o leme partido—as rolhas das garrafas do magnifico Rhum elevam-se ás alturas dos mastaréos, e o liquido das ditas escorre paulatinamente nas guelas dos marinheiros britannicos :

« A Cesar o que é de Cesar. »

Durante o dia o navio inglez conservou-se á vista do portuguez, mas nunca levando-o de vencida.

A's horas do costume, Trafaria e Alberto de Magalhães vieram para o *quarto*. Trafaria affirmava que o tempo estava seguro.

— Continue Sr. Alberto, sempre quero ver o desfecho da sua *derrota*.

— Declarou-se a gravidade da molestia de meu pae, disse Alberto. A sua doença era fatal.

« Um dia chamou-me ao seu quarto, apresentei-me immediatamente.

— Alberto, disse meu pae, conheço que tens propensão para a vida do mar ; mas, por conselho de alguém, podés muito bem (deixando eu de existir) abraçar outra carreira. Ora, como eu tenho gosto que sigas a minha vida, vou fazer-te um pedido que talvez não te seja pesado satisfazel-o.

« Sei que és creança para poderes tomar a responsabilidade de um acto qualquer ; porém, conheço o teu comportamento para poder assegurar o bom êxito d'este meu pedido. »

— « Falle meu pae que será attendido ; eu saberei dar o valor que merecem as suas palavras, e juro cumprir á risca o que me dictar n'este momento.

— « Alberto, disse então meu pae ; seguindo a carreira maritima tenho fé que a *Syracusa* será um dia governada por ti. Ao pé do *catavento*, contemplarás, orgulhoso, as nossas quinas, que se ostentam altivas no penól da mesena, alli mesmo onde eu outr'ora contempilava o horizonte, com o rosto alegre, mesmo durante a tempestade, ouvindo o sibilar do sudoeste por entre as enxarcias, e o rugir medonho das vagas a varrer o convéz ; e o fuzilar dos relampagos na prôa do navio, os trovões ribombando por cima dos tópes dos *mastareos*, e todo esse espectáculo que a natureza põe ante os olhos dos homens ; e nem sequer mudava o tom da voz de commando.

« Pois bem, Alberto ; segue as minhas pégadas e saberás honrar o teu e o meu nome.

INNOCENCIO CRUZ.

(Continúa).

## FACTO SABIDO

(A DUARTE PORTO JUNIOR)

De incessante trabalho nocivo,  
Mil vezes mais cruel que a morte,  
E' o viver d'aquelle, cuja sorte  
O tornou da fortuna esquivo.

E esse homem infeliz, mas brioso,  
Que se entrega ao labor, sitibundo,  
Quando ao lar se acolhe, amoroso,  
Sente-se homem ditoso no mundo :

Pois no meio da árida lida,  
Quem o faz ter apêgo á vida  
E' um ser que o attrae e seduz...

Tem pésinhos de fino lavor,  
Alvo seio arfando de amor,  
Bellos olhos banhados de luz...

Novembro 15 de 1883

Minimus.

## DESCRENÇA APÓS A ESPERANÇA

Flor da esperança em galho deslocado,  
Murcha, vacillante, inerte, succumbida !  
Levou-te o aroma o furacão irado,  
E de tuas pet'las te deixou despida.

Já não existes, ó flor da esperança,  
Unico alimento que minh'alma tinha !  
Que, sem os beijos de tépida bonança  
Era-te impossivel o viver, florzinha !

Vejo nos jardins e prados verdejantes  
Peregrinas flores a vicejar, pujantes...  
Só tu não vives... Que cruel sentença !

E seria tão bello teu viver de flor !  
Dentro de meu peito — um jardim d'amor —  
Onde jámais existirá mais crença !

JOÃO BRUNO.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria do Centro Litterario, RUA DE S. PEDRO N. 147 — 1º ANDAR.

Só serão publicados n'esta *Revista*, os trabalhos litterarios de socios que estiverem quites com a thesauraria.

De accordo com um artigo dos nossos estatutos approvados, haverá expediente na secretaria do Centro Litterario, tres vezes por semana: ás segundas, quartas e sextas, das 7 horas da noite até ás 10.

N'esses dias, ás horas mencionadas, os socios que comparecerem, poderão ler os numerosos jornaes e *Revistas* que a nossa associação recebe, tanto do Brazil como de Portugal.

Temos recebido o seguinte :

Da Corte : — *A Evolução*, o *Mequetrefe*, periodico-illustrado, *Campeão Lusitano*, *Revista do Retiro Litterario Portuguez* e a magnifica *Revista Illustrada*.

Da provincia do Rio de Janeiro : — *Fluminense*, *O Arauto*, *O Artista*, *Carris Litterarios*, *S. João da Barra*, *Monitor Fideleuse*, *Monitor Campista*, *Tymburibá*, *Itatiaya* e o *Vassourense*.

De S. Paulo : — *O Recreio*, *O Tempo*, *O Bananal*, *Nortista*, *Gazeta da Franca*, *Gazeta de Taubaté*, *Brado da Lavoura* e o excellent *Almanak de Pirassununga*, publicado pelo Sr. Motta Junior.

De Minas : — *O Monitor Uberabense*, *Gazeta de Uberaba*, *Arauto de Minas*, *O Baependyano* e o *Livro do Povo*.

Do Espirito Santo : — *O Horizonte* e o *Espirito Santense*.

Da Bahia : — *A Gazeta da Tarde*, *O Guarany*, *O Regenerando* e o *Echo Maragogipano*.

Do Maranhão : — *A Pacotilha*.

De Alagoas : — *O Estandarte*, *O Papagaio* e o 1º e 2º ns. d'*A Instrução*, órgão do collegio *José de Alencar*, que tem muito bons artigos, por onde se pôde aquilatar do progresso d'aquelle collegio.

De Sergipe : — *O Guarany* e o *Democrata*.

Do Ceará : — *O Cearense*.

Do Pará : — *O Diario de Noticias*.

Do Rio Grande do Sul : — *O Labaro* e o *Echo Lusitano*.

De Portugal : — *A voz do Douro*, *A Sentinella da Fronteira*, *O Alto Minho*, *O Primeiro de Janeiro*, *A União*, *Aurora do Cavado* e o espiituoso *Sorrete*.

Agradecemos todas estas offertas e pedimos desculpa se deixamos, como é possivel, de mencionar algumas.

*Uma noiva masculina*, comedia em um acto por J. C. Ribeiro da Silva. Recife, 1883.

Recebemos esta bem impressa comedia ; e, como o seu auctor desejasse o *nosso juizo*, lemol-a : está para o gosto das plateias modernas como a pimenta para os gulosos. E' uma boa comedia, *apimentada*, á parte alguns descuidos de linguagem, que talvez sejam descuidos de revisão. Felicitamos o auctor e agradecemos a offerta.

Recebemos o 1º numero d'*A Luz*, promettedor órgão do Centro Litterario e Scientifico José de Alencar.

Agradecemos.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda, 31.